

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

2º TRIMESTRE DE 2022

Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan
Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI
José Acácio Ferreira

Diretoria de Pesquisas – Dipeq
Jonatas Silva do Espírito Santo

Coordenação Editorial
Guillermo Javier Pedreira Etkin
Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica
Luiz Fernando Araújo Lobo
Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-Geral
Luzia Luna

Coordenação de Produção Editorial
Editoria de Arte
Ludmila Nagamatsu

Revisão
EGBA

Projeto Gráfico
Nando Cordeiro

Editoração
EGBA

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.
Cep: 41.745-002. Salvador(BA)
Tel.: (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781
www.sei.ba.gov.br
sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

2º TRIMESTRE DE 2022	1
CENÁRIO ECONÔMICO	1
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED	2
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC	8
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO	15
Expectativa dos empresários baianos para o emprego	15
NOTA METODOLÓGICA	19
Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano	19

2º TRIMESTRE DE 2022

Apesar de ainda não ter chegado ao fim, a pandemia parece não mais representar freios ao dinamismo da economia brasileira e baiana. Ou seja, as repercussões negativas decorrentes da crise de Covid-19 parecem não mais serem sentidas (pelo menos não na intensidade de outrora). A melhoria dos indicadores sanitários associados ao surto de covid-19 e o relaxamento das medidas de distanciamento social e de restrição à mobilidade e a flexibilização das exigências ao funcionamento de certas atividades econômicas, sem dúvida, desobstruíram os caminhos para a edificação de uma recuperação no sentido de recomposição. Não à toa a expectativa dos brasileiros nos seis primeiros meses deste ano vem se mostrando mais otimista do que a de um ano antes.

O mercado de trabalho, por sua vez, vem repercutindo esse contexto de maior normalidade, com a recuperação se mantendo em curso no segundo trimestre deste ano. Na Bahia, por exemplo, mais uma vez, sem significar uma superação plena e definitiva de dos desafios existentes, os principais indicadores não somente prosseguiram avançando como ampliaram a intensidade de suas recomposições. Enfim, apesar de não ter sido observado em todos os indicadores balizadores da análise do emprego e da renda no estado, houve progressos em muitos deles, principalmente quando se confronta com a situação de um ano antes.

Por fim, ainda importante frisar, a despeito de melhorias diversas e do entusiasmo crescente, parte dessas estatísticas do mercado de trabalho baiano ainda desnuda uma realidade complicada em nível. A conjuntura laboral baiana foi examinada neste boletim tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), duas bases oficiais historicamente respeitadas e consolidadas no país.

CENÁRIO ECONÔMICO

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado no segundo trimestre de 2022, em matéria de Produto Interno Bruto (PIB), expandiu em 4,8% no confronto com o mesmo período do ano anterior – crescimento, por sinal, superior ao observado para o Brasil como um todo, que foi de 3,2%. Trata-se da quinta alta nessa base de comparação após quatro recuos seguidos. Dessa forma, no acumulado do ano, o PIB baiano conta com um acréscimo de 3,9% ao se contrapor com igual período de 2021. Em comparação ao trimestre imediatamente antecedente (série com ajuste sazonal), houve uma expansão de 1,4%.

No que se refere às perspectivas futuras do empresariado local, ao final do segundo trimestre de 2022, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança melhorou, já que se mostrou menos atrofiada do que ao término do intervalo imediatamente antecedente. Em junho, mesmo com oscilação ao longo do trimestre, a confiança contabilizava uma nova alta após ter recuado e registrava o segundo maior nível do ano, mas sem conseguir anular a deterioração ocorrida na passagem de abril a maio do referido ano. Assim, mesmo sem consolidar um processo de atenuação da incerteza e de revigoração das expectativas, o último mês do trimestre insinuou uma evolução (abril, -67 pontos; maio, -149 pontos; e junho, -78 pontos). Enfim, mesmo sem qualquer viés de alta estabelecido e continuando a indicar pessimismo, os últimos resultados do ICEB sustaram o movimento de deterioração da

confiança no meio empresarial baiano observado no primeiro trimestre e voltaram a alimentar a crença em um cenário mais otimista num futuro não muito distante.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com as estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no segundo trimestre de 2022, o saldo de empregos com carteira assinada foi positivo, indicando uma geração líquida de 45.402 postos¹. A dinâmica com mais admissões do que desligamentos, por sinal, foi apurada em cada um dos meses do referido intervalo. O mês de maio foi o de maior saldo no trimestre, com 16.294 novas vagas – aliás, melhor resultado mensal do ano até agora e maior saldo desde agosto de 2021. Os meses de abril e junho testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 16.029 e 13.079 novos postos, respectivamente – no entanto, ainda o segundo e o terceiro maiores saldos do ano, contribuindo para uma geração considerável no trimestre. Além do mais, vale destacar, cada um dos três meses do período observado evidenciou saldo superior ao de um ano atrás.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no segundo trimestre de 2022, com 751.519 postos a mais. Ademais, todas as regiões originaram postos de trabalho. O Sudeste, com a eclosão de 386.428 vagas, evidenciou o melhor desempenho em termos absolutos. A Região Norte registrou a menor geração líquida, com 50.121 novos empregos celetistas. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em todas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 45.402 oportunidades ocupacionais, ficou na quarta posição, quatro acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia ficou com o melhor resultado absoluto, enquanto Ceará (+21.535 vagas) e Sergipe (+3.391 postos) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no período, respectivamente.

Ao longo de 2022, até junho, o saldo acumulado em território baiano se encontra em de 76.525 postos, representando uma ampliação de aproximadamente 4,3% no estoque de 1.797.652 empregos com carteira assinada existente quando se iniciou o referido ano (em 2020, houve um recuo de 1,4% e, em 2021, ocorreu um aumento de 8,2%). Com esse resultado agregado foi possível reforçar a geração de 137.980 novos postos no ano imediatamente antecedente e suplantaram as perdas decorrentes da última crise, quando quase 24 mil postos celetistas foram encerrados em 2020 – resgatando, assim, o entusiasmo do processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem.

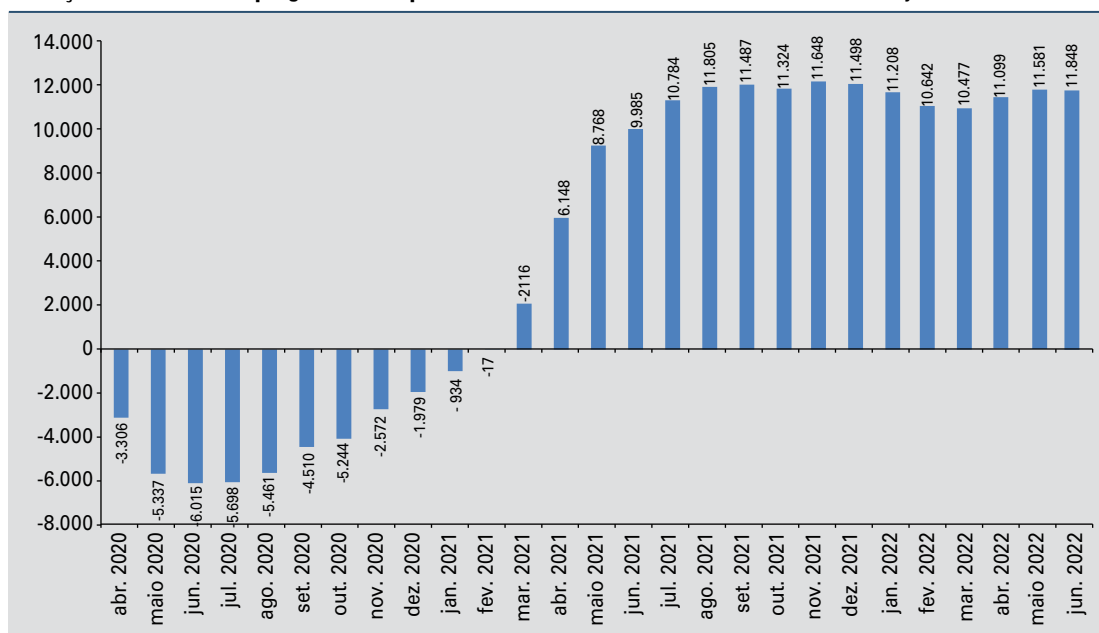
Com base no acompanhamento temporal das médias móveis de 12 meses dos saldos, abarcando os registros do trimestre mais recente, constata-se que a Bahia acabou de experimentar o 16°

1 Conforme a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPRT), seguindo um cronograma de implantação com término em novembro de 2021, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (*eSocial*) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, a SEPRT vem se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes, dando origem ao que se convencionou chamar de Novo Caged – mas que aqui, por praticidade, continuará sendo identificado simplesmente como Caged. No futuro, quando todas as empresas estiverem desobrigadas a declarar o Caged, o *eSocial* será a única fonte de dados a alimentar o Novo Caged.

resultado positivo consecutivo de empregos formais² (Gráfico 1) – etapa iniciada em março de 2021 (+2.116 postos) e com o ápice em julho último (+11.848 postos). Antes disso, porém, houve um intervalo relativamente curto de 11 resultados mensais ininterruptos com eliminação líquida de oportunidades ocupacionais, cujo momento mais desfavorável ocorreu em junho de 2020 (-6.013 postos). Desde então os saldos médios vinham sendo crescentes, até a ocorrência do decaimento no mês de fechamento do terceiro trimestre de 2021. Tal interrupção na trajetória de crescimento desses saldos, porém, indicou uma quebra de tendência, já que veio seguida por uma fase de oscilação e outra de queda (principalmente no primeiro trimestre de 2022). Mais recentemente, entretanto, os saldos voltaram a seguir uma rota ascendente, a ponto de registrar a maior média do ciclo de progresso atual ao fim do segundo trimestre.

Numa visitação mais ampla ao passado, importante rememorar que, solapado pela grave crise decorrente da disseminação de covid-19 aqui e ao redor do mundo, o mercado de trabalho local voltou a ruir e se deparou com mais um desequilíbrio, voltando a exibir saldo médio negativo de vagas e iniciando assim mais uma era de constrição. Esse novo ciclo de supressão de postos, apesar do recuo vertiginoso, do elevado nível de incerteza presente inicialmente e dos contornos trágicos, felizmente, não durou muito (segundo o saldo médio de postos), pois perdeu força ao longo do terceiro e do quarto trimestres de 2020 e se encerrou em março de 2021. Em seguida, com a profusão continuada de vagas, em pouco tempo – no início do segundo trimestre de 2021, mais precisamente –, o saldo médio resultante já havia suplantado a amplitude máxima alcançada durante a fase contracionista de postos antecedente. Por fim, com a continuidade desse processo, apesar da perda de fôlego no final do ano passado e início deste, os resultados do segundo trimestre deste ano não somente confirmaram as esperanças como consolidaram a musculatura dessa etapa expansionista.

Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de 12 meses – Bahia – Abr. 2020-jun. 2022



Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes (2022); ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

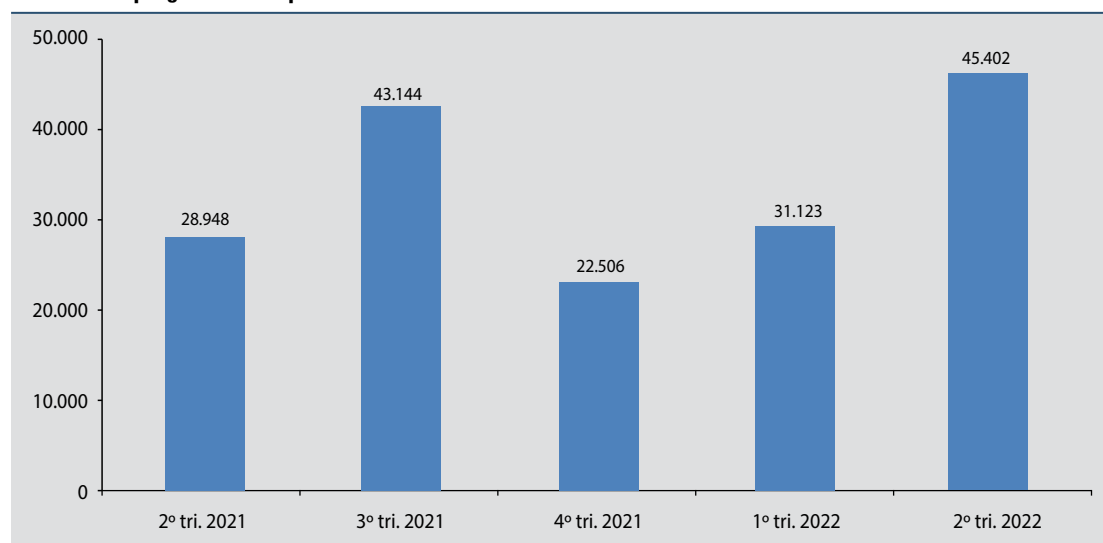
2 Ao longo do texto, no contexto do Caged, o termo ‘emprego formal’ se constitui numa simplificação para tratar da relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Na Bahia, em termos de saldo, o conjunto dos meses de abril a junho de 2022, com a eclosão de 45.402 novas vagas, evidenciou que o nível de emprego continuou aumentando, o que representou um reforço adicional no caminho do revigoramento do mercado de trabalho. Como se pode observar pelo Gráfico 2 logo abaixo, o mérito se volta para um saldo maior agora do que no primeiro trimestre, quando 31.123 novos postos de trabalho foram abertos. Em relação ao mesmo trimestre do ano passado, por sua vez, também ocorreu uma ampliação, já que um ano antes a ocupação formal havia incorporado 28.948 novos vínculos.

O saldo trimestral mais atual foi o oitavo positivo em sequência, já que os dois últimos do ano de 2020, os quatro de 2021 e o primeiro deste ano também contaram com mais admissões do que desligamentos. A variação positiva do número de postos de trabalho formais agora, indicando que 45.402 novos contratos foram assinados³, assim, amparou o maior saldo para um segundo trimestre no estado desde 2006 pelo menos⁴. Aliás, o que é ainda mais impressionante, trata-se do melhor resultado trimestral dos últimos 17 anos pelo menos.

Gráfico 2

Saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Na avaliação setorial do segundo trimestre de 2022, todos os cinco grandes estratos incorporaram novos postos de trabalho na Bahia. O setor de *Serviços* (de longe, o mais prejudicado pela crise recente) destacou-se com o desempenho mais proeminente entre as categorias mais uma vez, com a geração líquida de 18.388 postos de trabalho – alavancando o quantitativo de vagas a um patamar bem acima do montante existente no período pré-pandemia. Aliás, há algum tempo, todos os grupamentos dispõem de estoques de vínculos maiores do que aqueles de antes da última crise. A *Indústria geral*, com 9.947 novos contratos, também indicou um saldo relativamente proeminente, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades conforme se pode acompanhar pela próxima tabela. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, a *Construção* (+7.887 postos), o *Comércio* (+5.646 vagas) e a *Agropecuária*

3 Resultado ainda não definitivo, visto que registros fora do prazo ainda serão recebidos nos próximos meses.

4 Aqui mantendo as ressalvas para a comparabilidade da série decorrentes de uma mudança na forma de captação dos dados do emprego formal, já que, além da natureza distinta de recebimento das informações, o *eSocial* também possui uma cobertura maior (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados pelo Caged).

(+3.534 postos) contaram com contratação líquida de trabalhadores. Assim, portanto, nenhum grupamento econômico registrou um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado⁵.

Para efeito de comparação no tempo, no mesmo trimestre do ano anterior, também, todos os cinco setores abriram mais vagas do que fecharam. No entanto, como se pode ver pela tabela abaixo, dos cinco segmentos, apenas um deles contabilizou resultado líquido melhor naquele trimestre do que no segundo trimestre deste ano – ou seja, em termos de saldo, no intervalo mais recente, quatro das cinco atividades exibiram um desempenho superior ao observado à época. Em relação ao primeiro trimestre de 2022, quando se constatou queda da ocupação formal em um dos setores (*Comércio*, no caso), apenas uma das atividades não contabilizou resultado líquido superior agora do que no trimestre imediatamente antecedente (Tabela 1).

Numa avaliação mais pormenorizada das atividades que contam com subdivisões, o setor de *Serviços* constatou saldo positivo na maioria delas, exceto em Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-87 postos) e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (-1 posto)⁶. Ainda dentro de *Serviços*, as seções de Atividades administrativas e serviços complementares e de Educação merecem destaque positivo, visto que exibiram os melhores resultados entre as subdivisões, com 7.310 e 3.057 novas vagas no segundo trimestre de 2022, respectivamente. No grupamento *Indústria geral*, respaldado pela considerável abertura líquida de vagas no setor, nenhuma das subcategorias exibiu saldo negativo no trimestre⁷. No caso, a subcategoria Indústrias de transformação, com adição de 8.893 vínculos no estoque, revelou-se a de maior geração líquida de postos no referido intervalo.

Tabela 1
Saldo de empregos formais por grupamento de atividade econômica, por trimestre
Bahia – 2º tri. 2021/1º tri. 2022/2º tri. 2022

Grupamento de atividade econômica	2º tri. 2021	1º tri. 2022	2º tri. 2022
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	3.012	2.256	3.534
Indústria geral	4.959	5.417	9.947
Construção	1.526	9.784	7.887
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	6.709	-1.391	5.646
Serviços	12.742	15.057	18.388
Total	28.948	31.123	45.402

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

- 5 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, a SEPRT passou a adotar a classificação de atividades econômicas baseando-se na agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções aqui foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.
- 6 O grupamento de *Serviços* possui 14 desagregações: Transporte, armazenagem e correio; Alojamento e alimentação; Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades imobiliárias; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Administração pública, defesa e seguridade social; Educação; Saúde humana e serviços sociais; Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; Serviços domésticos; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.
- 7 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: Indústrias extrativas; Indústrias de transformação; Eletricidade e gás; e Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação.

Quanto à distribuição intraestadual, no segundo trimestre de 2022, tanto a Região Metropolitana de Salvador (RMS) quanto o interior da Bahia experimentaram expansão líquida de vagas. Enquanto na RMS foram absorvidos 16.219 novos empregados com registro em carteira, no interior surgiram 29.183 ocupações (Tabela 2). Um ano antes também houve geração líquida de postos nas duas regiões, no entanto, ambas com uma conjuntura mais favorável agora do que no mesmo trimestre do ano de 2021. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades também despontaram nas duas áreas, os dois contornos geográficos também demonstraram desempenho recente superior.

Enfim, importante ressaltar que, no conjunto dos três meses do trimestre recém-encerrado – semelhantemente ao observado no primeiro trimestre de 2022 e no segundo trimestre do ano passado –, o aumento do nível de empregos formais na Bahia foi influenciado principalmente pelo desempenho do interior, já que a RMS registrou um ganho líquido de postos bem menos expressivo. No acumulado do ano, também, o surgimento de empregos formais na Bahia (+76.525 postos) foi influenciado principalmente pela performance do interior (+48.345 postos), já que a RMS (+28.180 postos) registrou uma geração líquida de postos mais modesta comparativamente, o que colocou aquela instância geográfica como protagonista do dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano nos primeiros seis meses do ano.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 2º tri. 2021/1º tri. 2022/2º tri. 2022

Área geográfica	2º tri. 2021	1º tri. 2022	2º tri. 2022
Bahia	28.948	31.123	45.402
RMS	4.291	11.961	16.219
Interior	24.657	19.162	29.183

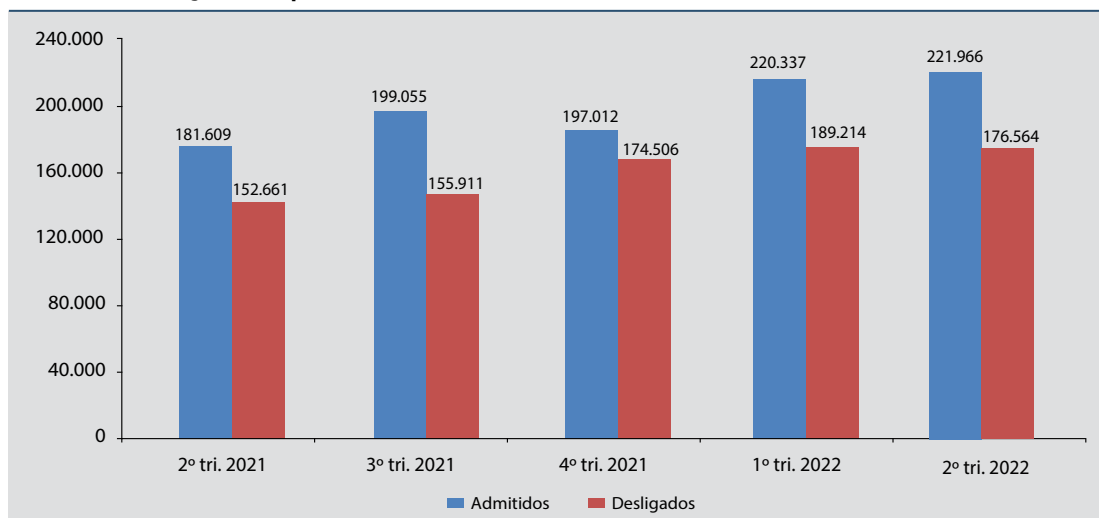
Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022; ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) a RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 45.402 empregos formais na Bahia, observado no segundo trimestre, foi proveniente de 221.966 admissões e 176.564 desligamentos (Gráfico 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, tanto as contratações quanto as deposições cresceram – aquelas em 22,2% (40.357 admitidos a mais) e estas em 15,7% (23.903 desligados a mais). Por sua vez, quando se volta para o trimestre anterior, somente o quantitativo de admissões se avolumou, já que o total de admitidos expandiu em 0,7% (1.629 contratações a mais) e o de desligados diminuiu em 6,7% (12.650 dispensas a menos). Como se pode acompanhar pelo gráfico abaixo, as contratações cresceram pela segunda vez consecutiva, sustentando, assim, o maior quantitativo desde o penúltimo trimestre de 2014. Por outro lado, as rescisões, após três altas seguidas, recuaram, mas ainda assumindo o segundo maior montante desde o do último trimestre de 2015 (nesse intervalo, menor apenas do que o registrado no primeiro trimestre deste ano).

Gráfico 3

Admissões e desligamentos por trimestre – Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022

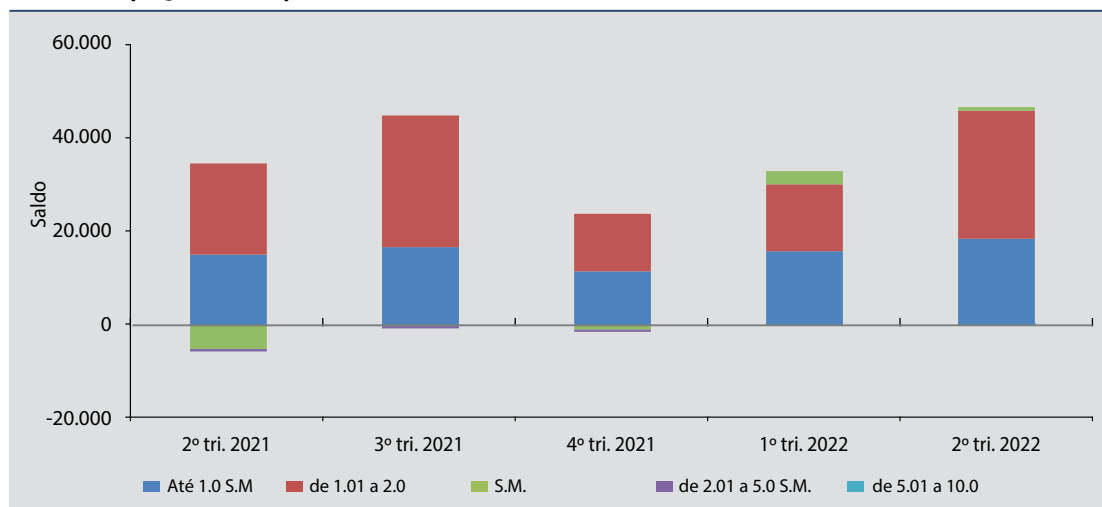


Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

De abril a junho, mesmo reforçado por um resultado positivo no agregado bastante considerável – maior quantitativo trimestral dos últimos 17 anos pelo menos –, o surgimento líquido de vagas não aconteceu em todos os cinco estratos de remuneração analisados, sendo verificado em quatro deles (até um, de um a dois, de dois a cinco e de dez ou mais salários mínimos). A camada dos que receberam de um a dois salários mínimos despontou com a maior efetivação de vínculos no segundo trimestre de 2022, seguida por aquela referente aos que auferiram até um salário mínimo. Ou seja, nesta fase, apesar do surgimento líquido de vagas no agregado, o mercado de trabalho baiano não teve a capacidade de gerar postos de trabalho em todos os grupos salariais, concentrando as contratações naqueles de retorno financeiro relativamente baixo, os de até um e de um a dois salários mínimos. O único corte líquido no trimestre, por sua vez, ocorreu na camada representada pelos que receberam de cinco a dez salários mínimos (Gráfico 4).

Neste enquadramento de saldos por faixas de salário mínimo, observando apenas se ocorreu ou não abertura líquida de vagas, o panorama no segundo trimestre de 2022 se mostrou mais favorável ao verificado há um ano, já que à época houve geração líquida de postos em três das classes. No que diz respeito à dimensão do resultado por faixa, os saldos de quatro categorias foram maiores no trimestre mais recente (ou seja, apenas uma das cinco categorias não apresentou resultado melhor no trimestre mais atual, a de dez ou mais salários mínimos, no caso). Em relação ao primeiro trimestre, quando dois dos estratos salariais apontaram supressão líquida de postos, a cena estampada no segundo trimestre deste ano se revelou um pouco mais opulenta, visto que três das faixas exibiram um saldo maior (as exceções foram as de dois a cinco e de cinco a dez salários mínimos).

Gráfico 4**Saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022**

Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 3, na Bahia, no segundo trimestre de 2022, a desocupação atingiu 15,5% da população na força de trabalho. No Brasil e no Nordeste, as taxas foram de 9,3% e 12,7%, respectivamente. A Região Nordeste (12,7%), por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul (5,6%) com a menor. Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu o índice mais elevado pela segunda vez consecutiva. Isso após três trimestres em sequência com a segunda maior taxa do país. Na outra ponta, Santa Catarina (3,9%) ostentou a menor estimativa no agregado de abril a junho de 2022. Em terras baianas, portanto, o referido indicador foi praticamente o quádruplo do apurado para Santa Catarina no segundo trimestre deste ano.

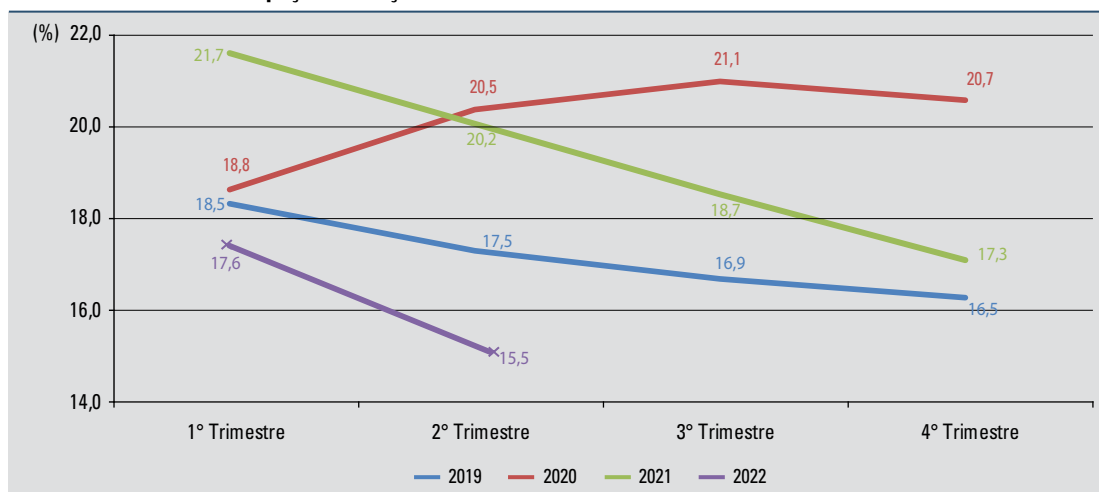
Após ter iniciado o ano com uma leve alta, o percentual trimestral de desocupados na Bahia recuou na margem (e de forma significativa), passando de 17,6% para 15,5% da população na força de trabalho⁸ – suplantando em muito o aumento ocorrido no trimestre antecedente (Gráfico 5). Além do mais, trata-se da maior oscilação da série na passagem de um primeiro para um segundo trimestre (contração de 2,1 pontos percentuais)⁹. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2021, quando o indicador foi estimado em 20,2%, portanto, também houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 4,7 pontos percentuais abaixo e indicando o recuo interanual mais intenso da história.

8 A dinâmica de queda observada agora, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano nessa época (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido visto em quase todos os anos da série, exceto em 2015 e 2020 (não coincidentemente anos de crise).

9 Além da Bahia, todas as outras unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação).

A estimativa mais recente do desemprego na Bahia (15,5%), dessa maneira, assumiu o menor valor desde o quarto trimestre de 2017 (15,1%) e o mais baixo patamar para um segundo trimestre desde o ano de 2015 (12,8%). No entanto, importante mencionar, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa¹⁰ – aguardando, na verdade, maior dinamismo da economia para voltar a um patamar mais tolerável.

Gráfico 5
Taxa trimestral de desocupação da força de trabalho – Bahia – 1º tri. 2019-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

O nível da ocupação¹¹ em território baiano no trimestre encerrado em junho de 2022 aumentou no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e também em relação ao de um ano antes. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas ficou em 50,2%, ao passo que havia sido de 48,7% e 45,2% no primeiro trimestre deste ano e no segundo de 2021, respectivamente. A taxa de participação¹² também se ampliou na margem e na comparação interanual, apesar de ainda representar a nona menor marca. Com expansão de 0,3 ponto percentual frente ao trimestre imediatamente antecedente (59,1%) e de 2,9 pontos percentuais em comparação com o mesmo trimestre do ano passado (56,5%), a referida estimativa ficou em 59,4%. Enfim, apesar de avanços, tanto o nível de ocupação quanto a taxa de participação ainda se encontram distantes de seus picos, de 57,0% no quarto trimestre de 2014 e de 63,7% no terceiro trimestre de 2015, respectivamente.

No trimestre analisado, tendo como referência tanto o intervalo imediatamente antecedente quanto o de um ano antes, o mercado de trabalho baiano se deparou com alta na ocupação. Na margem, o contingente de ocupados aumentou após ter contraído. No comparativo interanual, o número de ocupados emendou a quinta alta seguida. Enfim, a população ocupada foi estimada em 6,037 milhões, representando uma ampliação de 3,0% (+173 mil pessoas) em contraponto ao

10 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

11 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

12 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

montante do trimestre anterior e de 10,9% comparativamente ao total de ocupados do mesmo período de 2021 (+594 mil). Trata-se assim do maior contingente populacional ocupado desde o quarto trimestre de 2015 (6,282 milhões), ou seja, o maior dos últimos quase sete anos. Esse total, por sinal, já alcançou 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014.

A desocupação, por sua vez, foi realidade para 1,104 milhão de baianos no segundo trimestre de 2022. Após uma ocorrência de alta, o total de desocupados voltou a diminuir na margem (-11,7% ou -146 mil). No comparativo com um ano antes, a desocupação também exibiu contração (-19,7% ou -270 mil) – computando, assim, a terceira queda depois de sete altas consecutivas nessa base de comparação. Ao encolher na margem, a população desocupada baiana se revelou a menor desde a estimada para o quarto trimestre de 2017 (1,056 milhão). Além do mais, constitui-se no menor quantitativo em um segundo trimestre desde 2015 (927 mil) – no entanto, ainda bem acima da melhor marca já registrada no estado, de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013.

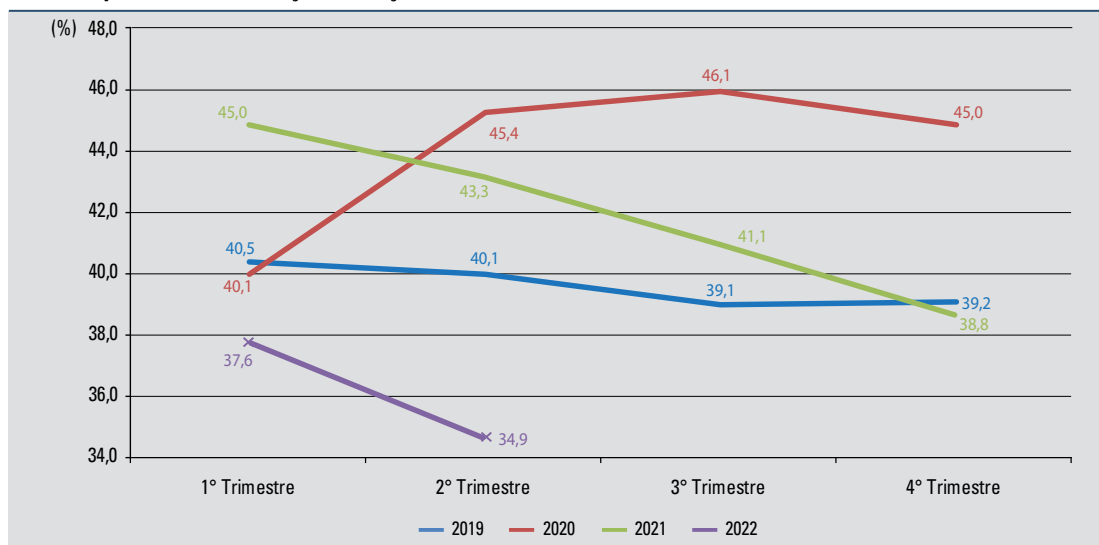
A elevação na ocupação, combinada com a queda do número de desocupados em relação ao trimestre antecedente, desembocou numa contração da taxa de desocupação no estado no trimestre mais recente. O movimento descendente da taxa de desocupação nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao aumento do número de pessoas trabalhando quanto ao encolhimento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um. Quanto ao registrado no primeiro trimestre de 2022, o preenchimento de ocupações (+173 mil) num volume acima ao da entrada de indivíduos na força de trabalho (+27 mil) ajuda a explicar uma menor quantidade de desocupados (-146 mil). Por fim, importante pontuar, o número de pessoas fora da força de trabalho encolheu após um trimestre com alta, chegando a 4,884 milhões. No entanto, apesar desse recuo, o quantitativo que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência ainda encerra um importante potencial de pressão sobre o mercado de trabalho, visto se tratar do oitavo maior registro da sequência e se encontrar acima de qualquer total observado no período pré-pandemia.

Além da compressão no índice de desocupação no estado na margem e em termos interanuais, a taxa composta de subutilização da força de trabalho¹³ também decresceu nas duas bases de comparação, alcançando 34,9% no trimestre mais atual – indicando, assim, encolhimentos de 2,7 e 8,4 pontos percentuais em relação às estimativas do trimestre antecedente (37,6%) e do de um ano atrás (43,3%), respectivamente (Gráfico 6). Dessa forma, com a quinta queda consecutiva, a taxa assumiu a menor marca desde a do penúltimo trimestre de 2016 (34,3%) – no entanto, ainda muito acima do piso de 26,4% registrado no segundo trimestre de 2014. Com a terceira maior taxa de subutilização entre as unidades federativas, a Bahia exibiu uma estimativa superior a de Brasil (21,2%) e Nordeste (32,9%). Enfim, no trimestre encerrado em junho de 2022, 2,822 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade se encontravam na condição de subutilizadas em território baiano – ou seja, 29,4% e 11,4% dos quantitativos existentes na região nordestina e no país, respectivamente.

13 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

Gráfico 6

Taxa composta de subutilização da força de trabalho – Bahia – 1º tri. 2019-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

O montante de desalentados em terras baianas no segundo trimestre do ano de 2022 foi de 612 mil pessoas, menor valor dos últimos cinco anos¹⁴. Assim, houve uma redução de 110 mil (-15,2%) indivíduos nessa condição em um ano e de 36 mil (-5,6%) ao levar-se em consideração o primeiro trimestre deste ano. Atualmente, a Bahia concentra 14,3% da população desalentada brasileira (4,265 milhões), com a menor proporção da série tendo sido de 12,9% no penúltimo trimestre de 2021 e a maior, de 20,7% no primeiro intervalo de 2014. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Em relação ao Nordeste, com estimativa de 2,557 milhões de desalentados (equivalente a 60,0% do quantitativo do país), a Bahia encerra 23,9% do total. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 7,9% de abril a junho deste ano – o menor registro da sequência histórica nos últimos cinco anos, mas o oitavo maior quando se compara os percentuais das 27 unidades da Federação.

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no segundo trimestre de 2022, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.711 – o segundo menor valor da série histórica e o segundo mais baixo entre as unidades federativas. Em relação ao mesmo intervalo de 2021, quando estava em R\$ 1.855, houve queda de 7,8% (ou seja, menos R\$ 144). Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.734, ocorreu uma variação negativa de 1,3% (menos R\$ 23).

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 10,011 bilhões, o oitavo menor montante já contabilizado – significando uma elevação de 2,8% frente ao do primeiro trimestre deste ano, de R\$ 9,734 bilhões, e de 3,4% num comparativo com o total do mesmo período do ano passado, cujo valor

14 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por, pelo menos, uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

havia sido de R\$ 9,678 bilhões. A alta da massa de rendimento real em relação ao trimestre imediatamente antecedente se deu pela segunda vez consecutiva. A dilatação recente, no entanto, somente ocorreu por conta do crescimento da população ocupada, já que o rendimento médio real se encolheu nessa base de comparação.

Tabela 3
Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 2º tri. 2021/1º tri. 2022/2º tri. 2022

Indicador	Estimativa			Variação	
	2º tri. 2021	1º tri. 2022	2º tri. 2022	2º tri. 2022 / 1º tri. 2022	2º tri. 2022 / 2º tri. 2021
População em idade de trabalhar (em mil)	12.055	12.037	12.025	-0,1%	-0,2%
População na força de trabalho (em mil)	6.816	7.114	7.141	0,4%	4,8%
Ocupados (em mil)	5.443	5.864	6.037	3,0%	10,9%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (em mil)	901	791	765	-3,3%	-15,1%
Desocupados (em mil)	1.374	1.250	1.104	-11,7%	-19,7%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.238	4.923	4.884	-0,8%	-6,8%
População na força de trabalho potencial (em mil)	1.193	1.015	953	-6,1%	-20,1%
Desalentados (em mil)	722	648	612	-5,6%	-15,2%
População subutilizada (em mil)	3.468	3.056	2.822	-7,7%	-18,6%
Taxa de desocupação	20,2%	17,6%	15,5%	-2,1 p.p.	-4,7 p.p.
Nível da ocupação	45,2%	48,7%	50,2%	1,5 p.p.	5,0 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	56,5%	59,1%	59,4%	0,3 p.p.	2,9 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	43,3%	37,6%	34,9%	-2,7 p.p.	-8,4 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	16,6%	13,5%	12,7%	-0,8 p.p.	-3,9 p.p.
Percentual de desalentados(1)	9,6%	8,4%	7,9%	-0,5 p.p.	-1,7 p.p.
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.855	R\$ 1.734	R\$ 1.711	-1,3%	-7,8%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 9.678	R\$ 9.734	R\$ 10.011	2,8%	3,4%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

Levando-se em conta a posição na ocupação, houve aumento de ocupados em quatro das seis formas de inserção no mercado de trabalho em um ano na Bahia (Tabela 4). Frente ao mesmo trimestre do ano passado, *Trabalhador doméstico* (+23,7%) foi aquela com a maior expansão relativa. Em seguida, em magnitudes relativamente menores, vieram *Empregado no setor privado (exclusive Trabalhador doméstico)* (+17,5%), *Empregado no setor público* (+8,2%) e *Conta própria* (5,6%). Por outro lado, *Trabalhador familiar auxiliar* (-17,1%) e *Empregador* (-1,1%) foram aquelas retrações interanuais. Com relação ao primeiro trimestre deste ano, ocorreu alta em três das seis formas de inserção, *Empregado no setor privado (exclusive Trabalhador doméstico)* (+8,8%), *Trabalhador doméstico* (+4,9%) e *Empregado no setor público* (+4,5%). Por outro lado, *Trabalhador familiar auxiliar* foi aquela com a maior contração do número de ocupados nessa base de comparação, recuo de 27,1%. As demais variações em relação ao primeiro podem ser acompanhadas na tabela abaixo.

No setor privado (exclusive Trabalhador doméstico), em termos interanuais, o aumento foi observado tanto para os empregados sem carteira de trabalho assinada (+16,7%) quanto para aqueles com carteira assinada (+18,0%). Em confronto com o trimestre antecedente, também ocorreu aumento daqueles sem registro em carteira (+6,6%) e dos com registro (+10,5%). O quantitativo com carteira de trabalho assinada aumentou após ter recuado em território baiano,

alcançando 1,557 milhão de pessoas – maior contingente desde o quarto trimestre de 2016 (1,576 milhão). Dessa forma, no segundo trimestre de 2022, o percentual de empregados no setor privado com carteira assinada ficou em 56,7% – ainda a quinta menor marca da série, além da sétima menor proporção entre as unidades federativas e bem abaixo da média brasileira (73,3%).

Entre os trabalhadores domésticos, após um ano, a alta se deu tanto para aqueles sem proteção legal (+21,1%) quanto para aqueles sob a manta da legalidade (+32,0%). Na margem, movimento semelhante: aumento tanto para os sem carteira de trabalho assinada quanto para os com registro em carteira, com estes (+22,2%) apresentando uma variação bem maior do que aqueles (+1,4%). No setor público, em um ano, apenas aqueles com carteira de trabalho assinada (-16,1%) apresentaram variação negativa. Do primeiro ao segundo trimestre, aqueles com carteira assinada (-6,4%) também foram os únicos a apresentar recuo, já que aqueles sem carteira assinada (+7,0%) e os militares e estatutários (+5,2%) expandiram seus contingentes.

De toda população ocupada no estado no segundo trimestre de 2022, apenas 3,0% se enquadravam como empregadores. A média brasileira foi de 4,3%. Por sua vez, no mesmo período, os que trabalhavam por conta própria representavam 29,2% do total de ocupados na Bahia – percentual acima da média do país, de 26,2%. A Bahia, assim, contava com 4,2% e 6,9% dos empregadores e dos trabalhadores por conta própria existentes em todo território brasileiro no referido intervalo, respectivamente. Outros pormenores das formas de inserção e suas oscilações entre os trimestres podem ser observados na tabela abaixo.

Tabela 4
Pessoas ocupadas (em milhares) por posição na ocupação e categoria do emprego no trabalho principal – Bahia – 2º tri. 2021/1º tri. 2022/2º tri. 2022

Posição na ocupação e categoria do emprego	Estimativa			Variação			
	2º tri. 2021	1º tri. 2022	2º tri. 2022	2º tri. 2022/1º tri. 2022		2º tri. 2022/2º tri. 2021	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Empregado no setor privado(1)	2.335	2.522	2.744	8,8%	222	17,5%	409
com carteira de trabalho assinada	1.319	1.409	1.557	10,5%	148	18,0%	238
sem carteira de trabalho assinada	1.016	1.113	1.186	6,6%	73	16,7%	170
Trabalhador doméstico	295	348	365	4,9%	17	23,7%	70
com carteira de trabalho assinada	50	54	66	22,2%	12	32,0%	16
sem carteira de trabalho assinada	246	294	298	1,4%	4	21,1%	52
Empregado no setor público	745	771	806	4,5%	35	8,2%	61
com carteira de trabalho assinada	87	78	73	-6,4%	-5	-16,1%	-14
sem carteira de trabalho assinada	190	227	243	7,0%	16	27,9%	53
militar e funcionário público estatutário	468	466	490	5,2%	24	4,7%	22
Empregador	182	191	180	-5,8%	-11	-1,1%	-2
Conta própria	1.669	1.785	1.763	-1,2%	-22	5,6%	94
Trabalhador familiar auxiliar	217	247	180	-27,1%	-67	-17,1%	-37
Total	5.443	5.864	6.037	3,0%	173	10,9%	594

Fonte: IBGE – PNADC.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

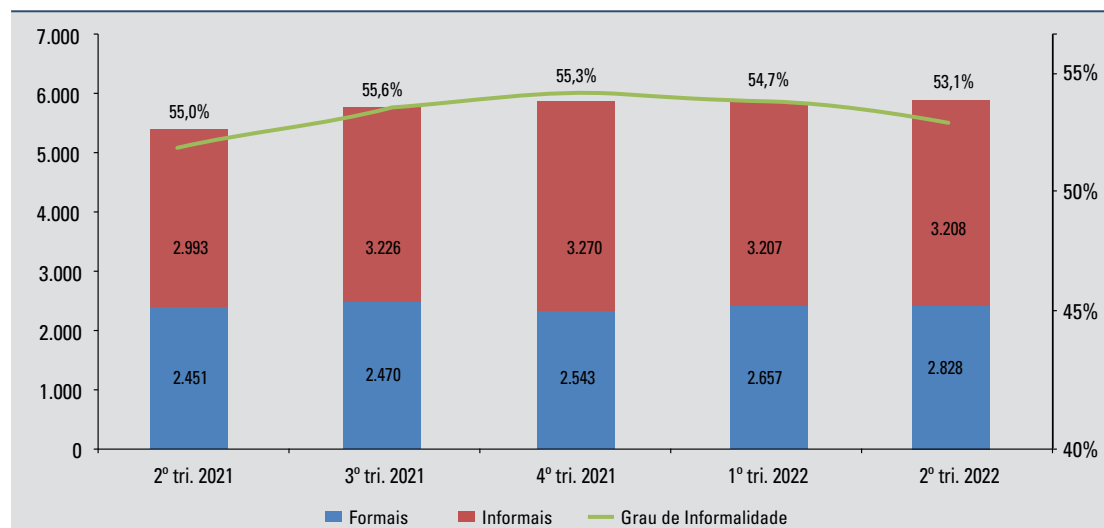
Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias.

(1) Exclui trabalhador doméstico.

Na Bahia, após ter recuado em relação ao trimestre imediatamente anterior, o conjunto dos informais voltou a crescer no trimestre mais recente. O quantitativo de formais também se expandiu, emendando a quinta ampliação seguida (Gráfico 7). Do primeiro ao segundo trimestre deste ano, a elevação da ocupação derivou principalmente do acréscimo no montante de formais, visto que o total de informais aumentou de maneira bem menos intensa. No caso, enquanto 171 mil trabalhadores formais se inseriram no mercado de trabalho baiano, apenas mil informais conquistaram uma ocupação – ou seja, 98,8% dos 173 mil dos novos trabalhadores eram formais. No comparativo interanual, também, tanto o número de informais quanto o de formais aumentaram. A alta da ocupação em território baiano em um ano foi impactada mais fortemente pela ampliação do quadro de formais, com representatividade de 63,5% dos novos entrantes. Por fim, o trimestre de abril a junho de 2022 contabilizou 3,208 milhões de ocupados na informalidade e 2,828 milhões na formalidade.

O grau de informalidade da população ocupada no mercado de trabalho baiano no trimestre encerrado em junho deste ano, dessa forma, diminuiu quando comparado com o de um ano antes e com o observado no trimestre imediatamente anterior. Assim, o referido grau emendou a terceira queda em sequência na margem. Como se pode acompanhar pelo gráfico abaixo, no intervalo mais recente, entre os ocupados, 53,1% eram considerados informais, ao passo que no mesmo trimestre do ano de 2021 e no imediatamente antecedente eram 55,0% e 54,7% em cada. Entre as unidades federativas, a Bahia exibiu o quinto maior grau de informalidade no trimestre inaugural de 2022. No Brasil, por sinal, 40,0% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade entre abril e junho deste ano.

Gráfico 7
População ocupada (em milhares) por situação de formalidade e grau de informalidade(1)
Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

(1) A definição aqui utilizada considerou informal o empregado do setor privado sem carteira, o trabalhador doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o trabalhador por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

Considerando-se os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas aumentou em todas as cinco grandes categorias (Tabela 5). No caso, a ampliação relativa do nível de emprego foi maior em *Indústria geral* (+20,5%), *Construção* (+16,0%) e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (+10,2%); e relativamente menor em *Serviços* (+9,2%) e *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+7,5%). Em relação ao trimestre imediatamente anterior, quatro dos grupamentos exibiram alta. Nessa

base de comparação, *Construção* (+11,1%) foi a categoria com o maior crescimento relativo, enquanto *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (-1,1%) foi a única com encolhimento relativo da ocupação. As demais variações em relação ao trimestre antecedente podem ser vistas na tabela logo a seguir.

Especificamente dentro de *Serviços*, composto por seis atividades, houve ampliação anual da população ocupada em cinco delas: Outros serviços¹⁵ (+25,8%), Serviços domésticos (+23,7%), Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (+8,8%), Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais (+8,4%) e Alojamento e alimentação (+7,1%). Assim, portanto, a exceção ficou por conta da atividade de Transporte, armazenagem e correio, com recuo de 13,1%.

Tabela 5
Pessoas ocupadas (em milhares) por grupamentos de atividade do trabalho principal
Bahia – 2º tri. 2021/1º tri. 2022/2º tri. 2022

Grupamento de atividade econômica	Trimestre			Variação			
	2º tri. 2021	1º tri. 2022	2º tri. 2022	2º tri. 2022/1º tri. 2022		2º tri. 2022/2º tri. 2021	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1.050	1.141	1.129	-1,1%	-12	7,5%	79
Indústria geral	443	494	534	8,1%	40	20,5%	91
Construção	413	431	479	11,1%	48	16,0%	66
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	1.009	1.110	1.140	2,7%	30	13,0%	131
Serviços	2.524	2.688	2.755	2,5%	67	9,2%	231
Total	5.443	5.864	6.037	3,0%	173	10,9%	594

Fonte: IBGE – PNADC.

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação, manutenção ou demissão futura de trabalhadores. Assim, construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas nos próximos seis meses, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde maio de 2022.

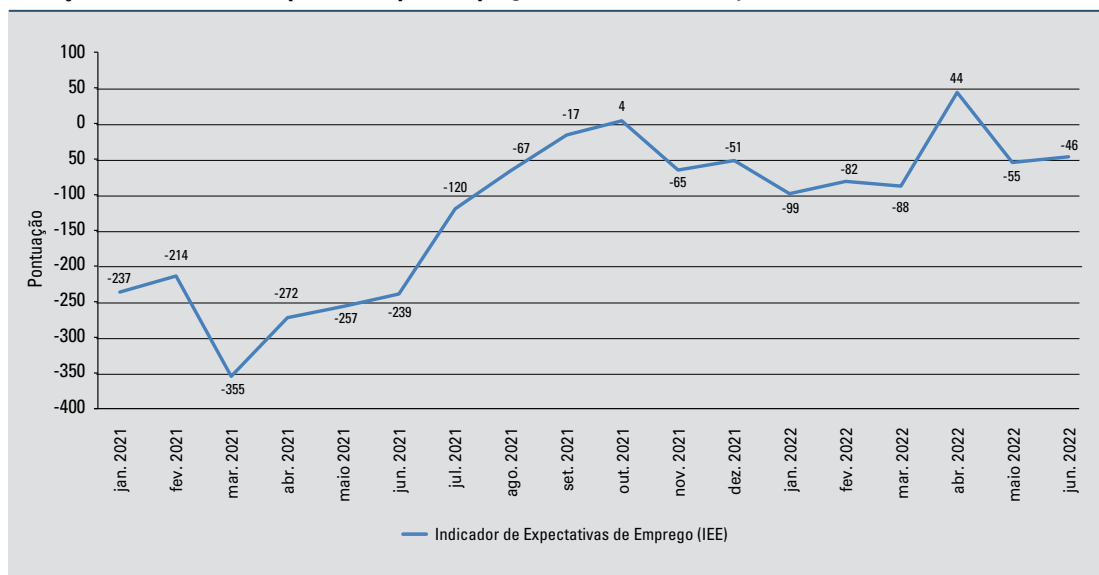
15 O grupamento ocupacional Outros serviços, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Iniciado o ano de 2021, nos primeiros três meses, a despeito da oscilação no meio do intervalo, o referido indicador voltou a deteriorar. Ao longo do segundo trimestre, entretanto, houve uma reversão e o caminho se caracterizou por uma suave melhora. No terceiro trimestre, por sua vez, o indicador se reestabeleceu de forma mais intensa, mas em magnitude ainda insuficiente para refletir uma pontuação acima de zero. No último trimestre de 2021, mesmo acima de zero no primeiro mês, fato que não ocorria desde fevereiro de 2020, o indicador não sustentou a trajetória de recuperação, já que perdeu força logo em seguida. No que tange aos meses de janeiro a março de 2022, por sua vez, continuou indicando decaimento, já que captou um recuo das expectativas para o emprego, mas sem significar uma trajetória persistente de queda. No início do segundo trimestre deste ano, no entanto, o referido indicador voltou a romper a barreira do zero ponto, situação que não se sustentou nos dois meses seguintes, mas que retratou uma leve melhora em nível no geral quando se compara com os meses do trimestre imediatamente antecedente.

Enfim, comparando o final do segundo trimestre com o término do primeiro trimestre, o que se viu foi uma leve melhora das expectativas quanto ao emprego. Ao longo dos meses do trimestre mais recente, o indicador exibiu as seguintes pontuações: abril, 44 pontos; maio, -55 pontos; e junho, -46 pontos. O mês de abril, por exemplo, alcançou o maior nível desde fevereiro de 2020. Os resultados mais atuais, apesar de bem melhores do que os dos meses mais dramáticos da crise no mercado de trabalho (abril e maio de 2020, com -628 pontos e -660 pontos, respectivamente) e do indicativo de diluição significativa da apatia nas intenções de contratações em médio prazo, ainda não servem de lastro para argumentos que atestem de maneira incontestável a ocorrência de um cenário para emprego promissor e consolidado num futuro muito próximo (Gráfico 8).

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, a melhora do indicador referente ao emprego se manifestou de forma generalizada em termos setoriais, já que ocorreu em todos os quatro segmentos. A evolução das expectativas, portanto, foi registrada na *Agropecuária*, na *Indústria*, nos *Serviços* e no *Comércio*. Considerando-se que a pontuação pode variar de -1.000 a 1.000 pontos, faz-se importante destacar que, apesar da ocorrência de progressos, o pessimismo quanto ao emprego (pontuação abaixo de zero) ainda se manifestou em um dos grupamentos (*Serviços*, no caso) – portanto, um quantitativo menor do que o do final do primeiro trimestre, quando dois setores apresentaram pontuação menor do que zero. Por fim, ao fim do intervalo mais recente, o grupamento *Serviços* terminou no pior patamar entre os setores, com -115 pontos. Na outra ponta, mais uma vez, a atividade de *Agropecuária* revelou a percepção mais favorável em relação às contratações futuras, com 100 pontos. Os indicadores de *Indústria* e *Comércio*, por sua vez, exibiram 38 pontos e zero ponto, respectivamente.

Gráfico 8
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego – Bahia – Jan. 2021-jun. 2022



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

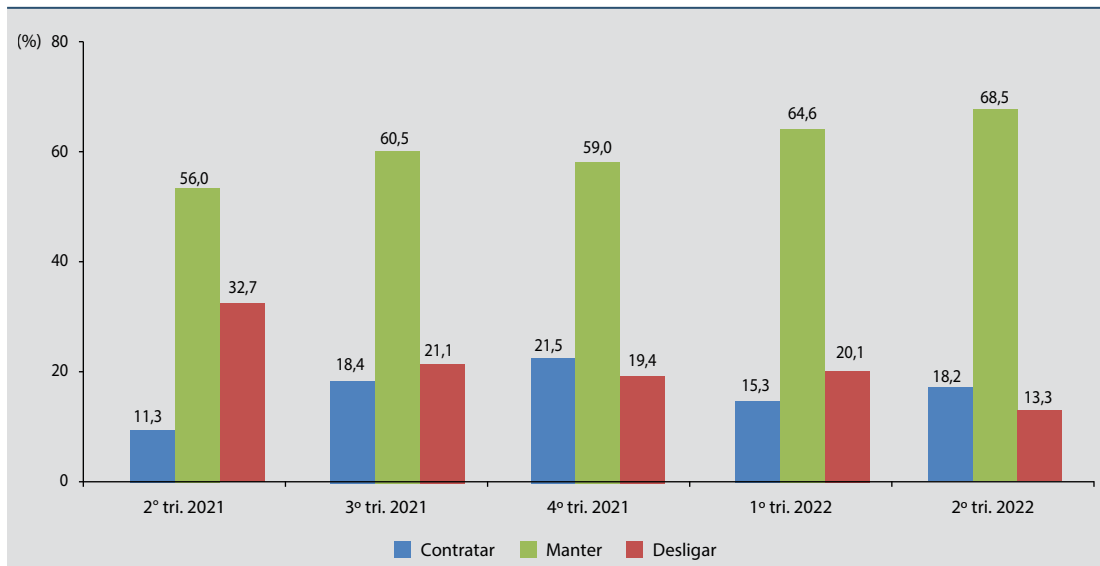
No segundo trimestre de 2022, no que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, analisando a média do trimestre, 68,5% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 18,2% pensam em contratar e 13,3% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 9). Portanto, após um trimestre, a proporção das empresas com intenção de expandir o quadro de pessoal voltou a ficar acima da porção das que preveem comprimir. Enfim, comparativamente ao primeiro trimestre, os percentuais daqueles que pretendem manter e dos que cogitam ampliar o quantitativo de empregados aumentaram e o daqueles que planejam demitir, diminuiu.

Conforme o gráfico abaixo, após ter aumentado, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários perdeu força, chegando ao menor nível desde o início do ano de 2020. O fito de admitir, por sua vez, depois de perder fôlego no trimestre inicial deste ano, voltou a aumentar no segundo trimestre, assumindo o maior patamar do ano. De resto, ao passar de 64,6% para 68,5% no movimento mais recente, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados se ampliou pela segunda vez consecutiva. Com expectativas ainda pouco encorajadoras, a prescrição de uma recuperação consistente do mercado de trabalho sob o olhar empresarial, presente até o início do ano de 2020, continuou sem se consolidar¹⁶.

16 Dada a violenta e brusca quebra recente, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal neste boletim. Além do mais, a redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças na forma de captação dos dados do Caged se revelou um obstáculo adicional. Nessas circunstâncias, portanto, a capacidade preditiva dos modelos econométricos se encontra fragilizada.

Gráfico 9

Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 2º tri. 2021-2º tri. 2022



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2022.

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (inflação, juros, PIB nacional e PIB estadual) e ao desempenho das empresas (vendas, crédito, câmbio, capacidade produtiva, situação financeira, emprego, exportação e abertura de unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a pesquisa conta, atualmente, com mais de 100 entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da pesquisa abrange quatro setores: *Agrropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.*

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB

